

# Argumento dos pais: o salário não dobrou.

Desde a época em que era moleque e saltava dos bondes para não pagar a passagem e economizar um dinheiro para o lanche na escola, o deputado estadual Fernando Silveira, do PTB, já tinha a certeza — como ele próprio conta — de “que Educação no Brasil é privilégio dos ricos”. E faz questão de lembrar em seus discursos: “Se sou advogado e cheguei onde cheguei (aliás, sou o único baiano no parlamento de São Paulo), é porque comi o pão que o diabo amassou. E lutei com coragem”.

As dificuldades que enfrentou trabalhando de dia como office-boy — para poder financiar os livros e cadernos do ginásio feito à noite em uma velha escola pública — provocaram em Silveira um certo trauma. Antigos problemas que voltam agora com a notícia de que os proprietários das escolas insistem em cobrar os 100,6% de aumento. Ele protesta:

— Se tem uma coisa que me deixa aborrecido é o desrespeito com a Educação. As escolas públicas apresentam um nível de ensino vergonhoso, estão cada vez piores. E as particulares mais parecem umas quitandas, só pensam em lucros.

Fernando Silveira tem quatro filhos: Mônica, 24 anos, formou-se o ano passado em Medicina; Fernando, 23 anos, quartanista de Direito na FMU; Margarite, 22 anos, também quartanista de Direito na FMU; e Trícia, 16 anos, estudante do colégio marista “Nossa Senhora da Glória”. Não é o dinheiro que gasta com esses cursos que aborrece o deputado, mas uma certa insegurança: o sacrifício de pais e estudantes será reconhecido?

— Você acha justo um médico depois de formado — pergunta — ganhar três ou quatro mil cruzados? É um absurdo, mas é a realidade. Eu ainda posso pagar. E os outros pais, será que podem? Moro ao lado da escola “Caetano de Campos” e presencio as filas de pessoas querendo se matricular. Sei que muitas delas ficam sem vagas e não têm condições de optar por uma escola particular.

A intenção de Fernando Silveira dentro da Constituinte é — como ele mesmo promete — “lutar para que o deputado tenha um papel transformador”. Justifica: “Há coisas que não podemos fazer porquetudo que onera o Estado é inconstitucional. Se eu tivesse o poder de criar, iria exigir um hotel-escola onde os estudantes pudessem ficar no período de férias, iria lutar para que a população em geral tivesse acesso às escolas, às faculdades...”

## “Pais assustados”

Na segunda-feira, o vereador Claudio Barroso, do PT, chegou em sua casa — na periferia de Vila Prudente — às 23h30, decidido a tomar um banho e dormir, quando a esposa Lenir tirou o seu sono com a notícia: “A mensalidade da escola das crianças dobrou”. Claudio ficou indignado: “Mas como? O aumento é de 35% mais um reajuste de 15% que ainda tem que ser negociado”. Observando o termo de compromisso que o colégio São Miguel tinha enviado, a revolta aumentou ainda mais.

— Meus filhos estudavam em uma escola estadual — lembra Cláudio — que, além de ser ruim, tinha uns professores que não gostavam de mim e perseguiram as crianças. Resolvi transferi-los para uma outra escola particular, excelente, mas que, como as demais, cobra o mês de janeiro (que é de férias) e